

Contextualizações

A palavra do Bardo / 83

Alan Peter Fear

O tradutor e sua visibilidade / 85

Rosalina Angelita Newmann Garcia

Escócia, Irlanda e País de Gales: as nações e sua literatura / 91

Mariana Lessa de Oliveira

Apresentação

POR QUE LER AS LENDAS CELTAS?

Há alguns anos, conversando com um colega australiano¹, usei sem pensar a expressão “na visão ocidental”. Ele então me alertou para duas coisas relevantes. Primeiro, os modos oriental e ocidental de ver o mundo têm mudado desde a popularização da internet, em meados dos anos oitenta, com a aproximação dessas duas culturas através das redes sociais que reúnem pessoas por seus gostos e afinidades. Segundo, o conceito de oriente e ocidente sempre foi relativo: ele, quando olha para o oriente lá da Austrália, enxerga o Chile. Ou seja, a nossa percepção das coisas é parcial, e é eurocêntrica. Da mesma forma, quando falamos sobre literatura, nós “ocidentais” nos fixamos nos textos e parâmetros fundadores da mitologia e literatura greco-romana, ignorando aquilo que é anterior ou externo a ela. Mesmo os manuais de literaturas de língua inglesa costumam iniciar a listagem dos textos canônicos com o poema épico anglo-saxão *Beowulf*, uma obra que chega às Ilhas Britânicas no século V e que só é transposta para a forma escrita a partir do século VIII.

Contudo, se aceitarmos como literatura as narrativas transmitidas por tradição oral, então o acervo literário britânico remonta a mais longínquas. Já havia habitantes – e portanto histórias – naquela região há 250 mil anos atrás², muito antes da última era glacial, que ocorreu há cerca de 20 mil anos e cujo degelo

¹ Professor Ian Alexander, à época (2008) professor substituto de língua e literaturas de língua inglesa no Instituto de Letras da UFRGS.

² Salvo quando especificamente referenciado, as informações factuais aqui apresentadas se embasam na leitura dos capítulos iniciais da obra *The Birth of Britain*, primeiro volume da coleção: CHURCHILL, Winston. *A History of the English Speaking Peoples*. New York: Barnes and Nobles, 1993 (1956). ISBN 0-880029-423-X.

provocou a subida no nível das águas que isolou a Grã Bretanha e a Irlanda do resto do continente europeu, com o surgimento do Canal da Mancha e do Mar da Irlanda. Prova disso são os resquícios de vegetação e de moradias encontrados no fundo do mar naquela região. Versões antigas da lenda de Tristão e Isolda situam o reino do Rei March em um território (agora submerso) localizado entre a Cornuália e o sul da Irlanda.

Assim, apesar do verniz greco-romano ocidental, o senso de identidade gaélico-picto-bretão daqueles povos se fixa em um lastro de lendas que remonta aos tempos da tradição celta oral, ou possivelmente seja ainda anterior a ela. Muitas características da literatura de língua inglesa que temos hoje mesclam elementos de todas as culturas que a formaram. Dois exemplos da riqueza que vem dessa complexidade cultural são a extensão do vocabulário do inglês, que é cerca de três vezes maior do que o das outras línguas europeias devido às sucessivas invasões e imigrações ocorridas; e a diversidade histórica que transparece até mesmo quando observamos o nome dos dias da semana: *Sunday* e *Monday* evocam uma religião (celta ou anterior) primitiva, que ainda cultua elementos da natureza; *Tuesday*, *Wednesday* e *Thursday* remetem a Tiw, Odin e Thor, deuses nórdicos; e *Saturday*, nos fala da dominação romana, através do deus romano da agricultura, por sua vez identificado com Cronos, o titã que origina o panteão grego.

Assim como para quem estuda a língua inglesa com vistas a se tornar um profissional não basta ter acesso à filologia românica (precisa-se também, predominantemente, investigar a filologia germânica), é imprescindível identificar as fontes celta e nórdicas presentes nos arquétipos literários dos textos anglófonos.

Muito desta herança feliz transparece nos oito contos folclóricos compilados nesta edição pelo nosso bardo local, o professor galês Alan Peter Fear, com quem o Instituto de Letras da UFRGS tem a sorte de contar como mestrando na ênfase de Literaturas de Língua Inglesa. Como ocorre com a maioria dos habitantes urbanos do País de Gales da atualidade, Alan (cujo nome em sua língua de origem poderia ser transcrito como *Alun Ofn*) nasceu e cresceu imerso na língua inglesa, não na língua galesa original, que hoje em dia é ensinada em cursos de língua, tradição e folclore, como se fosse uma língua estrangeira. Isso torna muito complicado o uso de uma expressão como “língua mãe”, pois a língua da pátria-mãe dos galeses foi apagada ao longo dos séculos. Agora está, aos poucos, sendo restaurada através de estratégias artificiais, como ocorre também na Irlanda e na Escócia. É quase como se nós, no Brasil, resolvêssemos reavivar a língua latina hoje, através de sociedades culturais, centros de folclore e escolas de língua. Ou se decidíssemos registrar por escrito as lendas orais dos povos indígenas locais. Enquanto isso, a língua com que os galeses contam para empreender essa tarefa difícil, a língua que nascem falando, é o inglês, a língua

dos que apagaram a memória cultural daqueles povos que contavam as lendas que aos poucos passam a ser resgatadas e que tão poucos dentre nós conhecem aqui no Brasil.

Como ocorre em todo o processo de aculturação, muito do espírito, do estilo e da sonoridade da cultura original encontra meios de permanecer através de uma série de estratégias de aculturação. No caso da língua e da literatura galesas, pode-se dizer que muita coisa não só permaneceu intacta, como também contribuiu para o enriquecimento e desenvolvimento da própria língua e literatura inglesa. Essa mão-dupla se reflete até na ironia ligada ao nome desse país. Em galês, *Cymru* significa algo como “terra dos camaradas”, ao passo que o nome inglês, *Wales*, se traduz por “terra dos estrangeiros”. É assim que – sabe-se lá por que – os anglo-saxões chamaram os habitantes originais das terras que haviam invadido.

Muitas características que a língua inglesa herdou da contribuição desses maravilhosos habitantes originais da Grã-bretanha podem ser mapeadas no texto criado por Alan Fear em inglês moderno, como a sonoridade, o gosto pelas aliterações e o trabalho na tessitura da modulação frasal. Mesmo nas versões traduzidas para o português podemos perceber traços da prosa bretã, como o floreio do som e da ideia, o prazer de conversar e de narrar uma boa história – contando sempre um tantinho a mais do que o estritamente necessário – ou o capricho na pintura de alguma parte do cenário apresentado. O humor simpático e perspicaz se revela de formas diferentes em cada uma das histórias. Em “O Cão de Caça do Príncipe Llewellyn” impressiona a elegância e a destreza com que é feita a transição entre os tons cômico e pungente; e a cena da chamada dos cães de caça – um dos quais até sabe falar – é antológica. O final surpreendente de “Owain e o Pote de Ouro” faz o leitor se perguntar por que facilitar as coisas quando se pode fazer tudo pelo jeito mais difícil. Os anacronismos podem surgir a qualquer hora, como a referência ao Jethro Tull, às produções de Walt Disney, ou as dicas de lugares a serem visitados pelos turistas. E há também o uso do *understatement* e do silêncio: será que algum dia descobriremos qual é o problema na cabeça do Rei March?

Nessas oito histórias o folclore britânico se apresenta em toda sua exuberância, nos bosques e pastos verdes habitados por fadas, elfos e duendes; reinos com cavaleiros que caçam dragões; vilas que ficam perto do fim do arco-íris, onde há cavernas e poços guardados por gnomos; castelos habitados por gigantes perigosos e violentos; fantasmas presos no limbo até que os mistérios que os prendem sejam solucionados; e muito mais.

Enredos, personagens e circunstâncias do folclore do País de Gales são também compartilhados com os demais países das Ilhas Britânicas. Mesmo com pequenas variações no enredo, ou nos nomes dos personagens, até mesmo nós os leitores brasileiros reconhecemos referências ao mago Merlin, à fada Mor-

gana, aos cavaleiros da Távola Redonda, ou ao gigante adormecido que devora os que querem roubar o seu tesouro. As diferenças na pronúncia dos nomes ou nos detalhes dos enredos das versões galesa, escocesa, irlandesa ou inglesa de vários desses contos ficam por conta dos desvios causados por tantos milênios de recontagem dos mesmos bretões.

É, portanto, com muita alegria que apresentamos aqui esta coletânea de oito contos galeses, que só foi possível produzir a partir da junção de uma série de talentos da prata da casa do Instituto de Letras, cujos participantes vêm a seguir elencados. Como dito anteriormente, cada um dos contos foi recontado, de memória, pelo nosso bardo galês *Alun Ofn*, que a bem da verdade pesquisou um pouquinho na bibliografia referenciada no final da seção “A Palavra do Bardo.” Todas as ilustrações da edição foram gentilmente cedidas pela artista plástica Maria Clara Barreto Vasconcellos, que também é professora de inglês e uma grande amiga. A tradução das histórias foi primorosamente empreendida pela equipe de trabalho do Prof. Augusto Buchweitz, composta pelos estagiários do Bacharelado em Letras Grazielle Ruzzante, Cristina Bordinhão, Patrícia Varriale da Silva, Francine Facchin Esteves, Cybele Alle, os gêmeos Anderson Santos Travassos e Andressa Santos Travassos, Julia Karl Schwinn e Vânia Dall’Aqua Corrêa, cujos e-mails para futuras traduções estão disponibilizados na primeira página de cada história elencada. O livro vem dividido em três partes. Na primeira vêm os contos traduzidos para o português. Na segunda seguem as versões originais em inglês. E na parte final, como bônus, temos três artigos: um de Alan Fear sobre a relevância da literatura transmitida por tradição oral; outro sobre os ossos do ofício da tradução literária, pela Profa. Rosalia Neumann Garcia, uma das principais responsáveis pela revigoração do currículo do Bacharelado em Tradução da UFRGS; e um comentário sobre as tensões entre o País de Gales, a Escócia e a Irlanda em seu relacionamento com a Inglaterra apresentado pela mestrandia Mariana Lessa de Oliveira, que há muitos anos vem-se especializando em Literatura Irlandesa. A revisão do texto é assinada pelos mestrandos Ana Iris Marques Ramgrab e Valter Henrique Fritsch. A todos e a cada um apresento a minha admiração e profundo reconhecimento.

Toda a equipe de pesquisa, filiada ao Projeto *O Imaginário das Ilhas Britânicas*, agradece a acolhida a esta publicação por parte dos *Cadernos de Tradução*, representados aqui pelos professores Andrei Cunha, Erica Schultz e Heloísa Monteiro Rosário e pelo assessor administrativo Leandro Bierhals Bezerra, do Núcleo de Editoração Eletrônica do Instituto de Letras da UFRGS.

Boa leitura!

Sirangelo Maggio
28 de agosto de 2011

Contos folclóricos do País de Gales Recontados por Alan Fear